

# SUMÁRIO

---

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA, 9

INTRODUÇÃO, 13

I. A DOMESTICAÇÃO DO DIFERENTE, 17

A sociedade e a comunidade, 17

*Civilização? Civilizações?*, 17

*A literatura entre o nacional e o universal*, 20

■ Utopias: a parábola do gastrósofo, 20

■ Uma estratégia voluntarista de unificação lingüística: o antecedente da Revolução Francesa, 23

■ O choque com a cultura do espetáculo, 24

*Que nivelamento?*, 25

A invenção do mundialismo, 27

*O estreitamento do mundo*, 27

■ Entre mundialismo e internacionalização, 28

*A Sociedade das Nações: o adiamento do sonho da unidade na diversidade*, 31

■ De um império a outro, 32

■ Língua e resistência: o Renascimento indiano, 35

II. A GEOPOLÍTICA DAS RELAÇÕES CULTURAIS, 37

O fim da cultura santificada, 37

*A crise do espírito*, 37

■ Relações de força, 39

*Cultura ou informação, tensão entre duas temporalidades*, 40

*Fabricar o assentimento*, 42

■ Entre o Estado e o mercado, qual é o

mais capaz de defender a identidade nacional?, 43

**O esboço de uma política cinematográfica, 45**

*O contingenciamento de filmes estrangeiros, 45*

- A Motion Picture Association of America (MPAA), 46

*Ambivalências do discurso nacional, 48*

- Até nos Estados Unidos, os independentes estão na mira de Hollywood, 51

**III. A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA CULTURA, 53****A fundação da Unesco, 53**

*Um difícil reconhecimento, 53*

- A Internacional Situacionista contra a burocratização da cultura, 55

*Cultura de massa/Cultura popular: o problema conceitual, 57*

- O conceito de indústria cultural, 58

**A exceção antes da exceção, 60**

*Mobilização geral contra um acordo leonino, 60*

- Um contexto favorável à crítica do

*American way of life, 60*

- Coca-Cola, Hollywood, uma mesma luta!, 63

*Uma “política superior do entretenimento humano”, 65*

- A crise das grandes companhias cinematográficas, 65

*O papel da Motion Picture Export Association of America (MPEA), 68*

**IV. A “REVELAÇÃO” DA TROCA DESIGUAL, 71****Os processos da colonização cultural, 71**

*A desistorização, 71*

- A doutrina contra-insurrecional: as estratégias descobrem, por um tempo, a diversidade, 73

*A violência simbólica, 75*

- Por um terceiro cinema, 77

**Que ordem pós-colonial da comunicação?, 79**

*Crise da ideologia do desenvolvimento e reabilitação das culturas, 79*

*Indústrias culturais: a desestabilização do setor público, 82*

- O Manifesto diferencialista, 83

*A forçada interdependência entre as culturas, 85*

## V. A CIRCULARIDADE GLOBAL/LOCAL, 89

### A construção da rede global, 89

*Integrar a empresa para unificar o mundo, 89*

*Imaginários do marketing: da superoferta global à “globalização”, 92*

- Sociedade global e novo universalismo, 93

### Pensar o novo mundo das alteridades, 97

*Mediações e usos, 97*

- O pós-Babel e o paradigma da tradução, 98
- Artes de fazer: a memória do “Novo Mundo”, 101

*Mestiçagens/mesclas: outras modernidades, 103*

### As armadilhas do relativismo cultural, 105

*O consumo: um logotipo que pode também inibir o pensamento, 105*

*A desterritorialização: o indescobrível espaço pós-nacional, 108*

- Que multidão em que espaço pós-nacional?, 109

## VI. A EXCEÇÃO CULTURAL: UM MODELO EUROPEU?, 113

### Premissas do espaço comum, 114

*A “cultura europeia”, objeto político não-identificado, 114*

- O fim da exceção publicitária, 115

*O mercado da televisão sem fronteiras, 116*

- O peso da posição francesa, 119

### O GATT e o contencioso euro-americano, 121

*A difícil busca de um consenso intracomunitário, 121*

- As formas de apoio à indústria cinematográfica e audiovisual, 122

*Da exceção à diversidade: o consenso amorfo, 127*

- O Parlamento Europeu e o pluralismo midiático, 128
- O Parlamento Europeu e a Europa da Cultura, 130

## VII. GEOPOLÍTICA DA DIVERSIDADE: O DESAFIO CIVILIZACIONAL, 133

**Que política atinente aos “ecossistemas culturais”?, 133**

*A dispersão da exceção, 133*

- A mobilização contra a ALCA, 135

*A diversidade cultural, um instrumento jurídico?, 136*

- Rumo ao choque de civilizações?, 137

- Definir e mensurar a cultura, 140

**Que diversidade para que ordem mundial de redes?, 144**

*Heterogeneidade dos atores, globalidade dos desafios, 144*

- A propriedade intelectual, 145

- As funções do imaterial, 148

*Que sociedade do conhecimento no plural?, 149*

**CONCLUSÃO, 153**

**REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS, 157**

**ÍNDICE DE AUTORES, 165**



# PREFÁCIO

---

## À EDIÇÃO BRASILEIRA

**A**s revoluções industriais do século XIX deram corpo à idéia de “progresso infinito”. A conversão da energia, a produção em série de tecidos, de aço, de máquinas, a construção de ferrovias e das primeiras redes de comunicação de longa distância, a irrupção do prodígio da eletricidade vieram apoiar essa convicção. A fé no progresso linear e contínuo rimou com a fé indefectível na ciência e na tecnologia. O século XX, por sua vez, concluiu-se em prantos sem precedentes tanto por uma como pela outra. As técnicas engendradas pelo aumento dos conhecimentos criam, com efeito, não apenas novas potencialidades, como também riscos novos para a humanidade. E isso vale para as duas principais revoluções que se desencadeiam com o terceiro milênio: a engenharia genética e as tecnologias da informação e da comunicação.

A primeira abre possibilidades tão inéditas quanto importantes para a medicina (logo, para o tratamento de algumas doenças) e para a economia produtiva. As biotecnologias e, de modo mais geral, as indústrias biológicas levam por outro lado a temer uma possível modificação da espécie humana, se não se respeitar uma ética da precaução nas pesquisas científicas e em suas aplicações. Com efeito, o humano poderia vir a se tornar o material por excelência da técnica. Conhecemos também os debates suscitados pela questão da biodiversidade e pela questão dos organismos geneticamente mo-

dificados (OGM) no que se refere aos modelos possíveis de agricultura. No campo da saúde, o escândalo representado pela persistência da malária nos países em desenvolvimento é tanto maior quanto mais acessíveis se tornam os meios de pesquisa consagrados à luta contra esse flagelo. A gritante desigualdade de acesso aos cuidados para o tratamento da AIDS também é um testemunho do fato de que a ciência e a tecnologia são apostas sobretudo políticas para as sociedades.

Mesmo dotados de outra natureza, os desafios suscitados pelas tecnologias da informação e da comunicação não são menores. Durante as duas últimas décadas do século XX, essas tecnologias foram realmente alçadas à posição de instrumento de reordenação do mundo. Elas encarnaram a promessa de saída de uma crise estrutural, econômica e política, diagnosticada como “de civilização”. O universo de redes tornou-se o emblema de uma nova sociedade cosmopolita e de uma economia chamada do conhecimento. A nova sociedade de redes favorecerá o advento de um mundo menos marcado pelos grandes desequilíbrios sociais ou reforçará as desigualdades planetárias, criando excluídos da modernidade digital? É esse o desafio enfatizado pela Unesco no raiar do milênio, ao situar seu programa de luta contra a “exclusão digital” no quadro da construção de uma “infotética”. Trata-se, claramente, de um desafio maior, pois é fundamental instituir políticas públicas que permitam aos cidadãos construir ou reconstruir em torno desses novos instrumentos de comunicação, em combinação com os antigos, estoques de conhecimento que correspondam a suas necessidades e estejam em harmonia com suas culturas. A apropriação das novas técnicas interativas pressupõe absolutamente um diálogo entre as culturas. Foi por isso que a Unesco propôs um instrumento jurídico materializado na “Convenção sobre

a proteção da diversidade dos conteúdos culturais e das expressões artísticas”.

Doravante, a questão da diversidade atravessa todos os debates que se originam do projeto sobre a nova ordem mundial nas grandes instituições internacionais, sejam eles, por causa e a partir de múltiplos vieses, explícitos ou implícitos. É o que se dá tanto na Organização Mundial do Comércio (OMC), como na União Internacional das Telecomunicações (UIT) ou ainda na Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI). As redes de movimentos civis fazem, por sua vez, sua voz ser cada vez mais ouvida e se mobilizam para que a diversidade da vida e das culturas seja reconhecida como “patrimônio da humanidade”. A polêmica questão da propriedade intelectual, por exemplo, diz respeito tanto às negociações para a regulação das biotecnologias quanto às que incidem sobre a arquitetura dos sistemas e usos das tecnologias da informação e da comunicação. Apropriação monopolista ou plural das inovações? É isso o que está em jogo nas controvérsias sobre o patenteamento tanto de medicamentos e de recursos biológicos como dos códigos informacionais, dos saberes tradicionais ou dos acervos da pesquisa científica.

Os debates e as proposições de estratégias que emanam do conjunto díspar dos debates internacionais fazem surgir projetos contrastados de integração mundial que põem em xeque valores estéticos, éticos e políticos antagônicos. Eles evidenciam os conflitos em torno do sentido e da utilização do conceito de diversidade. Eles mostram como o “mercado das palavras” tende a se alinhar com as “palavras do mercado”. E isso se aplica tanto ao léxico da diversidade quanto aos termos “mundialização/mundialismo” nas línguas latinas. Surgidos da longa tradição do internacionalismo democrá-

tico, esses termos foram desviados pela linguagem de mercado. A ponto de, apenas um século depois da invenção desses conceitos matriciais pelos pensadores de um mundo solidário, ao mesmo tempo unido e diverso, os movimentos contestatários em escala global estarem hoje reduzidos a recorrer ao termo “altermundialização” ou “altermundialismo” para nomear seu projeto de alternativa à totalidade tecnomercantil. Desse modo, eles escapam à outra denominação que a grande mídia faz pesar sobre eles: as “antimundializações”! Isso prova que o risco de uniformização do mundo começa com a normatização da língua que nos serve para designá-lo. Em face dos termos expropriados de seu sentido primeiro e da proliferação de noções-logotipo sob a égide da ideologia globalitária, convém reatar com a memória das palavras. O que, na realidade, leva a reatar com o senso de perspectiva proporcionado pela visão histórica, quase sempre ausente dos discursos contemporâneos sobre o futuro do planeta, bem como do discurso sobre o futuro de cada sociedade particular.

*A. M.*

Paris, julho de 2005